

## **PROMESSAS DE INVERNO, AMORES DE VERÃO**

Não é preciso apelarmos a um esforço de memória demasiado intenso para recuarmos a Janeiro deste ano. Na altura, foi notícia nos *media* portuguesas a situação que se vivia então na RTP Porto, e a preocupação, por todos sentida, relativamente ao que a perda da produção de um programa-âncora como a *Praça da Alegria* significaria no esvaziamento e destruição do serviço público de proximidade assegurado pelos profissionais da empresa sediados no Monte da Virgem, e nas sombras que, naturalmente, se estendiam sobre a estabilidade dos seus postos de trabalho.

Ficou então provado que a decisão de transferência da *Praça da Alegria* não se baseava em qualquer racional económico (os custos de produção no Porto eram ridiculamente baixos, feitos com uma equipa correctamente dimensionada, e o programa rendia à RTP, a dados do Relatório e Contas de 2011, um lucro de quase 4 milhões de euros por ano, em claro contraciclo com a tendência geral da programação de entretenimento da empresa) e se sustentava apenas numa opinião, pouco fundamentada (e que continua a carecer de prova inequívoca) de que, produzido em Lisboa, o programa ganharia *novo fôlego*.

Infelizmente, para a RTP, nunca tal aconteceu. Desde que se deu a transferência definitiva para Lisboa, a 14 de Janeiro de 2013, as audiências da *Praça da Alegria* nunca revelaram qualquer tendência de aumentar (bem pelo contrário). Com muita mágoa o afirmamos, mas já começa a ser um facto indesmentível que, até nisso, os trabalhadores da RTP Porto tinham toda a razão nos argumentos que então usaram. Mas a vida seguiu, e na RTP Porto, como sempre aconteceu, porque os seus trabalhadores já sabem muito bem o que significa estar longe dos centros de decisão, tentámos esquecer o passado e agarrar os desafios que nos iriam ser propostos.

De facto, na altura, à inquietação dos trabalhadores e ao sobressalto público que varreu toda a sociedade civil (nortenha mas não só), unindo todos os partidos políticos ao ponto de serem aprovados no Parlamento projectos de resolução a defender a manutenção e reforço de produção do Centro de Produção Norte da RTP, sobrevieram uma série de promessas feitas pela Administração da RTP aos trabalhadores e aos cidadãos em geral: todos se re recordarão de que foi prometido que a produção própria para a RTP2 seria integralmente assegurada a partir do Porto. Em consequência disso, foi assumida a duplicação da ocupação do estúdio onde antes era feita a *Praça da Alegria*, fixando-se para o imediato a dedicação da equipa de produção do programa ao novo espaço de sábado à tarde, *Aqui Portugal* e aos restantes projectos. E foi sempre dito aos trabalhadores que, em quaisquer circunstâncias, se privilegiaria a distribuição de trabalho de produção a equipas da casa, no Porto ou em Lisboa.

Cedo se verificou que em Lisboa tal nunca seria possível, devido à composição das equipas, disponibilidades de recursos humanos e estrutura de horários. E hoje, sabe-se que a *Praça da Alegria* está basicamente entregue a produção em *outsourcing*. Apenas elementos das equipas técnicas e de infraestruturas são da casa. Tal como os trabalhadores da RTP Porto sempre disseram que iria acontecer.

O pior é que, chegados ao Verão, qual é o cenário? Da RTP2 produzida no Porto sobra algo entre o quase nada e o muito pouco, apenas a ocupação do estúdio com o programa *Sociedade Civil* (que mantém uma equipa de produção externa que passou a trabalhar no Porto) e uma série do magazine *Mil e Uma Escolhas* cuja continuidade se desconhece. Por isso, sobre a prometida duplicação de horas de ocupação do

estúdio nada nos será necessário adiantar. Desconhece-se, inclusive, se o programa para a RTP Internacional *Portugal Aqui Tão Perto*, que já antes ocupava o mesmo estúdio em simultâneo com a *Praça da Alegria*, irá regressar. E, para aumentar os tons carregados do cenário, sabemos agora que, mesmo as promessas de que todo o trabalho que pudesse ser internamente distribuído o seria de facto, se esboroam numa realidade a todos os títulos intrigante e aviltante.

Aviltante, porque nega promessas feitas e reafirmadas pela Administração da empresa. Basta ler as notas informativas internas que esta Subcomissão de Trabalhadores tem produzido acerca dos contactos que tem mantido com o Conselho de Administração (uma abertura que sempre considerámos altamente positiva e que quisemos manter sempre numa base de compromisso responsável e colaborativo, como será certamente atestado pelo CA), para se perceber que algo não bate certo, entre o reconhecimento de que, de facto, os índices de produção televisiva própria, especialmente os de entretenimento, no Centro de Produção Norte, são hoje muito mais baixos do que os inicialmente previstos, e a constatação de que o que se vinha verificando na produção de programas da grelha de Verão em anos anteriores, de repente, deixou de acontecer.

Passamos a explicar. Até aqui, a produção do programa *Verão Total* era equitativamente dividida entre as equipas da RTP em Lisboa e em Vila Nova de Gaia. Foi assim Verão após Verão, repetidamente, durante os últimos anos, desde que o *Verão Total* passou a substituir, em Julho e Agosto, os programas de entretenimento da grelha regular (em conjugação, igualmente, com o programa *À Volta da Volta*, durante o período da Volta a Portugal em Bicicleta). Apesar da natural existência de períodos de férias dos elementos das equipas, sempre foi possível assegurar que assim fosse, através de uma organização planeada dessas férias. E continuaria a ser, desde logo, em relação à equipa de produção da RTP Porto. Subitamente, o Verão de 2013 trouxe uma surpresa: a produção do programa foi integralmente entregue a uma produtora externa sediada em Lisboa. Sem mais, às produtoras e produtores da RTP Porto foi transmitido que passariam a assegurar, apenas, com a sua presença em metade dos exteriores, a execução dos programas no terreno. Todo o complexo trabalho preparatório (contactos, convites, preparação da logística, etc., que os envolvia muito mais no programa e significava, de facto, a garantia de que o programa mantinha as características de serviço público que antes tinha, com a garantia de maior diversidade regional no acesso ao *plateau*) foi transferido para uma empresa produtora em regime de *outsourcing*, quando a RTP, pelo menos no Porto, mantém total capacidade de se organizar para garantir que esse importantíssimo trabalho é feito por uma equipa da casa. Ou seja, assistimos incrédulos a uma desnecessária duplicação (ou não será mais?) de custos! Custos que são o último luxo a que uma empresa como a RTP se pode dar, nos tempos que atravessamos!

Custos que existiram, seguramente, na produção integral de uma *sitcom*, durante o ano de 2012, nos estúdios da RTP Porto, que se mantém misteriosamente guardada na gaveta, sem qualquer previsão de que venha a ser emitida. Recorde-se, apenas, que uma série do tipo *sitcom* não envolve apenas uns esparsos meios técnicos. Envolve a fabricação de cenários, a contratação de actores, eventualmente de guionistas, enfim... Custos. Que todos pagámos, mas cujos resultados não sabemos quando iremos ver.

Finalmente, há sinais de apreensão que emergem também daquilo que parece confirmar-se como uma ausência de estratégia para a própria presença da informação na RTP2. Em poucos meses, assistiu-se ao fim do antigo noticiário do segundo canal público, às 22 horas, tendo passado a ser emitido do Porto, em simultâneo com a RTP Informação, RTP África e RTP Internacional, o jornal *24 Horas*, que já estava a revelar-se uma marca distintiva e uma âncora importante do acesso do público tardio às notícias em canal

# **SUB-CT**

**Subcomissão de Trabalhadores  
RTP-SA Porto**



aberto. Passados estes meses, chegados ao Verão e, aparentemente, numa decisão que apenas se aplica ao Verão (para já?), o *24 Horas* deixou de ser emitido na RTP2, passando a existir uma síntese de 20 minutos do *24 Horas*, nesse canal... às 22 horas! Se o tempo fosse o do bom humor, diríamos que nunca se assistiu, em televisão, a uma “promo” tão generosa a um programa que irá para o ar, noutros canais, daí a duas horas...

Ao longo dos últimos seis meses, sempre mantivemos uma postura de serenidade, aguardando pelos sinais de concretização de todas as promessas feitas e mantendo sempre a abertura a colaborar e a participar no esforço de mobilização dos nossos colegas de trabalho. Questionamo-nos agora sobre a realidade. E consideramos que talvez um novo sobressalto seja necessário. Porque todos os sinais que nos surgem se afirmam no exacto sentido contrário das promessas, mesmo das reafirmadas em reuniões e encontros mais recentes. Sabemos que a hora de decisões importantes está a chegar. Mas não contem connosco para sermos apanhados *na curva*. Os trabalhadores da RTP Porto estão atentos e vigilantes. E não abdicarão, certamente, do seu direito a alertar de novo a sociedade civil que tanto os tem apoiado. Pela manutenção e reforço de um Serviço Público de Televisão e Rádio de qualidade, de proximidade e, curiosamente ou talvez não, mais racional do ponto de vista do respeito pelo esforço e sacrifício que estão a ser exigidos aos contribuintes e aos cidadãos portugueses em geral.

A Subcomissão de Trabalhadores da RTP Porto

Vila Nova de Gaia, 14.07.2013